

MARIA THERESA LEMOS NOGUEIRA

**INFÂNCIA, CINEMA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM O FILME Í O MENINO
MALUQUINHOÍ - um olhar de uma professora de Educação Física**

Belo Horizonte

2015

MARIA THERESA LEMOS NOGUEIRA

**INFÂNCIA, CINEMA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM O FILME Í O MENINO
MALUQUINHOÍ - um olhar de uma professora de educação física**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli.

Belo Horizonte

2015

RESUMO

O cinema atualmente tem sido uma das linguagens mais utilizadas quando se deseja compartilhar alguma mensagem, pois a imagem tem grande potência de persuasão com o espectador. Esse poder muitas vezes é utilizado para a persuasão das crianças, que passam a ser alvo da mídia dentro de uma lógica do consumo. Os sentidos das infâncias passam a atrelar a outras necessidades impostas pelos adultos com as quais se relaciona. O presente trabalho vem mostrar como essa relação cinema, infância e educação se estabelece tomando referência o filme baseado na obra de Ziraldo, *Menino Maluquinho*, sendo justificado por entender que o filme pode ampliar os conhecimentos sobre a infância. Tem por objetivo compreender as possibilidades de educação da infância através da análise do filme. Para isso, foi utilizado como metodologia revisão bibliográfica, resumo e fichamento das obras sugeridas pelo orientador e buscas individuais da orientanda, além da análise dos discursos sobre a criança no filme *Menino Maluquinho* e documentários sobre infância. O trabalho está dividido em quatro capítulos da seguinte forma: infância, cinema e educação, cinema e infância e *Menino Maluquinho*. Ao final do trabalho percebeu-se que o cinema, apesar de ter um forte apelo para o consumo ainda consegue ter obras como *Menino Maluquinho* que consegue tocar crianças de várias gerações e o adulto que se identifica na personagem principal, fazendo com que este consiga ser sensibilizado e compreenda melhor a infância.

Palavras-chave: Cinema. Infância. Educação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 INFÂNCIA	8
2.1 Histórico da construção social da infância.....	8
2.2 A infância e o brincar.....	10
3 CINEMA E EDUCAÇÃO	14
3.1. Breve histórico do cinema	14
3.2.cinema e educação- o cinema como possibilidade de compreensão da infância	16
4 CINEMA E INFÂNCIA.....	18
5 O MENINO MALUQUINHO: 20 ANOS DE HISTÓRIA E LIÇÕES.....	21
5.1 O Menino Maluquinho: o livro.....	21
5.2 As interrelações criança/criança e criança/adulto no filme	22
5.3 De uma infância inventada+às invenções de uma infância feliz	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA COMO EXPERIÊNCIA DE BRINCADEIRA, DE CORPOREIDADE E DE FORMAÇÃO	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A infância compreendida como um momento especial e, mais do que isso, como etapa fundante na formação do adulto que virá a ser deve ser motivo de estudos, análises e investigações criteriosas que possibilitarão aos educadores, sociedade e instituições aplicar métodos e encaminhamentos que auxiliem na educação e na formação do indivíduo capaz de desenvolver suas potencialidades e viver em sociedade de forma plena e feliz.

[...] a infância é vista como período em que se formam as bases da vida adulta e a partir da abordagem de elementos da personalidade, estágios de desenvolvimento e complexos encontram-se na criança as explicações para os comportamentos adultos. (REVISTA, 20--, p. 35).

Nesse sentido, é de responsabilidade do mundo adulto propiciar para que as crianças possam se apropriar das possibilidades de crescimento sadio, à medida que orientadas e educadas adequadamente, seja em casa, na sociedade ou no ambiente escolar para esse fim. Vale ressaltar que as intervenções do adulto serão mediadoras e discretas, não impedindo e nem cerceando a capacidade da criança criar e reinventar a realidade segundo a sua própria concepção e nela interagir de forma criativa e lúdica. A presença do adulto no universo infantil é um exercício de intercâmbio de experiências e orientações de limites, no entanto a independência e autonomia da criança devem ser respeitadas, a fim de que possa expressar por meio das brincadeiras e das suas expressões o seu universo e a maneira de compreender o mundo.

[...] pensar a infância para além da forma cronológica do ser criança nos remete aos sentidos e movimentos do ser que é capaz de criar e inventar, de tornar-se humano. Ao falar de infância Walter Kohan nos alerta que % ser humano não pode renunciar à infância [porque] se ele renunciasse a infância em nome da adultícia perderia a capacidade de se inventar, encontrar novos inícios, de abrir a possibilidade de falar para criar o novo mundo e não apenas para reproduzir o mesmo mundo+. (DEBORTOLI; MARTINS; MARTINS, 2008, p. 20).

As múltiplas linguagens de que a criança se apropria constituem o conjunto de códigos através dos quais ela irá representar o seu universo interior e a realidade que a cerca. Ao brincar individual ou coletivamente, ela reproduz o universo adulto onde se espelha para compreender o seu papel e o universo adulto também. A

função da escola e da família nesse momento determina a qualidade da relação que as crianças irão estabelecer com o mundo adulto futuro. Como um ser em formação, elas se apropriam dos valores e comportamentos que são difundidos em seu meio e reproduzem-nos nas atividades lúdicas, internalizando-os para se sentirem pertencentes da sociedade onde vivem.

As relações que as crianças estabelecem com seus pares, professores, amigos, vizinhos e adultos não familiares proporcionam uma amplificação das experiências e colocam-nas em permanente contato com outras formas de se relacionar, vivenciar outras experiências, brincadeiras, valores, enfim circunstâncias às vezes compatíveis e similares ao seu próprio modo de vida ou completamente diverso do seu, causando %estranhamento+. Assim, a formação do futuro adulto perpassa por situações as mais diversas e não raro indesejáveis, que não devem ficar à margem do atento olhar de professores, orientadores, pais e demais adultos responsáveis pela mediação nesse processo de crescimento da criança.

Kramer diz:

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância . seu poder de imaginação, fantasia, criação . e entende como crianças cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância. Pode nos ajudar a aprender com elas. (KRAMER, 2000, p. 5).

Como uma das mais eficientes linguagens do mundo moderno, o cinema tem procurado dar voz a temas e personagens que ainda não tinham encontrado seu espaço na sociedade. Sem dúvida, é um dos códigos mais apreciados pelo público e de grande poder de abrangência. O filme %O Menino Maluquinho+, de direção de Helvécio Ratton, baseado na obra homônima de Ziraldo, é o objeto de atenção deste trabalho, que pretende fazer uma reflexão sobre infância, cinema e educação. Através da análise do filme e da compreensão do universo infantil vamos buscar entrelaçar as relações entre a criança e o seu universo, seu imaginário e as relações com o mundo adulto e a sua realidade.

A obra de arte, seja o filme dirigido por Helvécio Ratton, ou o livro de autoria de Ziraldo estende significativamente sua mensagem não apenas às crianças, seu público maior, mas também aos adultos responsáveis por estas crianças. Nessa

dialética se fazem presentes inúmeros modelos de comportamento na relação criança/criança, criança/meio social, criança/adulto.

No filme, Raton *lá vida*+ao menino maluquinho, inspirado na obra de Ziraldo que, por sua vez quis registrar sua própria infância nas décadas de 35/45, do século XX. Por sua vez, Helvécio Raton não deixa passar a oportunidade, filmando as aventuras de maluquinho e a sua turma, que vivenciam experiências as mais variadas: de criança da cidade com determinada rotina e brincadeiras urbanas à criança do interior, ou que vai passar férias na casa dos avós no interior, onde as brincadeiras e aventuras são muito diferentes, permitindo ao protagonista outras vivências e mesmo o contato com o sofrimento e a dor.

A narrativa de Ziraldo transposta para a *telona*+trouxe a personificação do personagem que até então frequentava o imaginário infantil. A partir das filmagens tem-se ao vivo e ao alcance da realidade o menino Maluquinho e sua turma. A criança comum, como outra qualquer, que brinca, vai à escola, vivencia o conflito da separação dos pais, lidera brincadeiras, inventa jogos... O cinema, nesse sentido, reduziu a distância entre o personagem e o público infantil, permitindo o acesso ao personagem através do seu ator Samuel Costa.

Assim, o cinema torna-se um convite não apenas ao lazer dos pequenos acompanhados de seus pais/responsáveis, mas permite que estes dialoguem com aqueles sobre suas brincadeiras, seus jogos favoritos, sua forma de brincar quando crianças, aproximando as crianças do mundo adulto e vice-versa. Ampliando a compreensão de que para cada época os indivíduos se comportam de maneira diferente, submetidos ao contexto em que se inserem e as circunstâncias históricas.

Ainda, podemos ressaltar que, tanto o livro de Ziraldo, quanto o filme de Raton (*O MENINO...*, 1995), propositalmente ou não, serviu de registro e documentação de uma época em que as formas de brincar e se envolver com as brincadeiras e, por conseguinte, expressar o mundo interior da criança e exprimir a sua concepção de realidade eram diversas das formas contemporâneas, mas não menos complexas e mais necessárias. Muitas brincadeiras apresentadas no filme hoje não mais se usam, mas outras foram criadas e adaptadas para contexto atual e continuam sendo essenciais no desenvolvimento da personalidade infantil, na sua compreensão do seu lugar no mundo e do lugar do adulto. São essenciais também para que as crianças percebam a sua importância no meio social e se apropriem do

sentido de pertença. O brincar é o exercício pleno da infância como ambiente de auto revelação e de compreensão da realidade.

De acordo com Kramer,

Aprendi que no cinema encontramos ora um outro modo de conhecer as crianças, ora a expressão do mundo da maneira como as crianças o veem, escutam e experimentam, ora um olhar infantil que pode ajudar a compreender o mundo e a subvertê-lo. (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 7).

Acreditamos que a partir da reflexão sobre o tema infância, cinema e educação possamos criar uma perspectiva de que a educação, no seu lato sentido, possa surgir da interação da criança com os diversos meios sociais, através da sua livre condição de expressão da sua criatividade e da sua linguagem através da qual estabelece um permanente diálogo com o mundo que a cerca e com os adultos com quem convive.

Justifica-se o estudo e a reflexão acerca da temática infância, cinema e educação a partir do pressuposto de que através do filme *“O menino Maluquinho”*, será possível a construção e ampliação do conhecimento sobre a infância. O presente trabalho tem como objetivo compreender as possibilidades de educação da infância, através da análise do filme *“O menino Maluquinho”*, dirigido por Helvécio Ratton. Para tanto, a metodologia empregada foi a revisão bibliográfica, com fichamento e resumo das obras sugeridas pelo Orientador, análise dos discursos sobre a criança com base no filme *“O menino Maluquinho”* e documentários sobre a infância.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos divididos da seguinte forma: no primeiro capítulo, faremos um breve estudo da construção histórica da infância, destacando a sua evolução ao longo do tempo e a relação da infância com o brincar e a educação. No segundo capítulo, teremos um breve histórico do cinema e sua relação com a educação, mostrando como essa arte pode nos ajudar a compreender a infância. No terceiro capítulo, trataremos a relação de infância e cinema, no qual mostraremos as diferentes infâncias que o cinema pode trazer e como a infância ganhou protagonismo no cinema. No quarto capítulo, trataremos a análise do filme *“O Menino Maluquinho”*, baseado na obra homônima de Ziraldo, com discussões entre realidade e imaginário, relações entre criança e adulto, o brincar e o construir os papéis sociais.

2 INFÂNCIA

No presente capítulo, vamos fazer um breve histórico da construção social de infância na modernidade, demonstrando como ela ao longo do tempo foi ganhando espaço e importância na vida social, familiar e se tornando objeto de interesse nos estudos sociológicos. Mostraremos como as relações adulto/criança foram sendo transformadas e como o brincar tem sua importância na vida da criança dando a ela condições de compreender o mundo a sua volta e como essa criança vem sendo educada ao longo dos tempos. Segundo Jens Qvortrup, [p. 82] a dedicação à diversidade da infância implicará necessariamente considerar uma série de marcadores de identidade, em princípio, infinitos.+(REVISTA, 20--, p. 82).

2.1 Histórico da construção social da infância

A noção de infância vem sendo modificada durante todo o desenvolvimento histórico da humanidade, fazendo com que essas mudanças nos façam conhecer e entender a criança da modernidade.

Segundo Gouvêa, a criança seria sempre, em qualquer época, sociedade e grupo cultural, diferenciada do adulto (GOUVÊA, 2002). Mas nem sempre foi assim.

De acordo com as ideias de Faria, na Idade Média, a criança era vista como um adulto em miniatura, que fazia as mesmas atividades destes, sem qualquer restrição (RODRIGUES, 2009). Não havia separação da vida infantil da adulta, a criança não era percebida como afetiva e cognitivamente diferente do adulto+(GOUVÊA, 2002, p. 13). Essa representação das crianças consegue aproximar do significado da palavra moderna, infância, que coloca como aquele que não tem voz, aquele que se cala, ou seja, um ser que não é visto por completo, que não tem sua voz ouvida pelo adulto.

A sociedade capitalista, através da ideologia burguesa, caracteriza e concebe a criança como um ser a-histórico, a-político, a-crítico, fraco e incompleto, um ser economicamente não produtivo que o adulto tem que alimentar e proteger. Esta concepção de infância escamoteia e trata como um fato natural a subordinação da criança em relação ao adulto e em relação à própria sociedade. (RODRIGUES, 2009, p. 14).

Kramer nos lembra do estudo de Ariès publicado na década de 1970 sobre o aparecimento do conceito de infância na sociedade moderna. Com essa mudança da Idade Média para a modernidade temos também a variação das formas de organização social. Essa variação nos faz compreender que as visões de infância são construídas social e historicamente, ou seja, a mudança de pensamento e comportamento da sociedade faz com que o valor social da criança também acompanhe essa mudança (KRAMER, 2000).

Na modernidade passa a existir a necessidade de se desenvolver e adaptar a novas formas de vida e trabalho. A Revolução Industrial leva à migração em massa do campo para as cidades. Este novo homem urbano precisa acompanhar a mudança temporal e social, mas, para que se construa esse novo homem, é necessário primeiro começar pela infância, que, graças às mudanças sociais e econômicas e ao avanço da ciência ao longo da idade moderna que diminuiu a mortalidade infantil, passa a ser primordial nesse novo tempo.

Segundo Gouvêa,

A psicologia infantil surge nesse contexto, buscando caracterizar e definir a infância e seus contornos, suas necessidades e estratégias de aprendizagem e socialização, de maneira a nortear a ação do adulto, a partir de um conhecimento científico. (GOUVÊA, 2002, p. 14).

A psicologia infantil passa a estudar a criança separadamente do adulto por entender que são personas diferentes, mas dependentes uma da outra, ou seja, o adulto será o resultado da formação e desenvolvimento da criança. A psicologia infantil, neste contexto, passa a atuar de forma a compreender como a criança percebe, interage e aprende com o mundo ao seu redor e como isso afeta a construção da sua personalidade adulta. Assim, na Idade Moderna, nasce um novo homem adaptado às mudanças culturais e econômicas, conectado as novas formas de aprendizado que farão com que possa viver em sociedade no novo meio urbano.

Ao entender a criança de forma diferente da do adulto, a psicologia infantil cria novos modelos de educação e aprendizagem focados, nas necessidades infantis que produzirão um homem moderno e adaptado ao novo mundo. A criança torna-se chave para a compreensão do adulto+(GOUVÊA, 2002, p. 14).

Essa mudança de tratamento dado às crianças foi um processo lento e que gerou ainda algumas diferenças na sociedade. A classe burguesa industrial era mais

rica, mais esclarecida que a sociedade operária de forma que suas crianças tiveram um tratamento diferenciado, sendo educadas nas escolas e como disse Ariès em seu estudo de 1970, *moralizadas* e *preparadas*. Já a classe operária migrou do campo para a cidade, vindo sem condições de dar a seus filhos melhores condições de vida fazendo com que essas vivessem sob uma miséria e fossem condenadas a uma vida de escravidão e opressão nas fábricas, sendo a elas negado o direito de ser criança.

Os séculos passaram e chegamos à contemporaneidade. Tempo em que as crianças teriam igualdade de tratamento e de acesso a tudo que é de respeito a seu universo. Mas não é isso que vemos no nosso dia a dia. Continuamos a ver uma sociedade com diferenças econômicas, que separa nossas crianças em realidades distintas, com oportunidades diferentes. Vemos crianças que são obrigadas a terem responsabilidades cada vez mais cedo para ajudarem no sustento de suas famílias, assumindo postos de trabalho informais ou até mesmo em condições escravas, nos fazendo remeter à Idade Média onde as crianças trabalhavam como adultos, sem qualquer restrição. Também vemos aquelas crianças, fruto de famílias com mais recursos financeiros, que são *educadas* e *preparadas*, tendo acesso a um universo diferenciado, com maiores oportunidades.

Gouvêa nos diz que não existe a infância no singular, mas diferentes vivências do ser criança, no interior da nossa cultura, que são todas crianças que constroem a multiplicidade da infância a partir de suas vivências (GOUVÊA, 2002).

Concluindo, independentemente do ambiente em que a criança viva, ela cria seu universo, suas realidades e sua infância, tendo como espelho suas vivências sociais.

A criança não inventa o mundo, mas o apropria, internalizando valores, normas e ações referentes ao universo social em que se insere. Assim, o processo de desenvolvimento individual significa a introjeção da realidade, realidade esta social e historicamente construída. A cultura será a lente que nos permitirá ter acesso, compreender e agir sobre o mundo. (GOUVÊA, 2002, p. 17).

2.2 A infância e o brincar

Quando se fala em brincar, muitas vezes só lembramos das crianças e colocamos essa prática como algo único e exclusivo do seu universo. Segundo um

dos depoentes do documentário *Tarja Branca*. A Revolução que faltava, dirigido por Cacau Rhoden *o brincar é uma coisa do homem*¹ é uma coisa do ser humano, é uma expressão e vem em diferentes formas, em diferentes etapas da vida, mas ela está presente sempre (TARJA, 2014).

Ainda no mesmo documentário, através de depoimentos de pessoas de áreas de conhecimento diferentes, traz uma reflexão de um assunto considerado sério e da mais alta seriedade e que na sociedade contemporânea está sendo aos poucos extinta tanto entre crianças como em adultos: o brincar.

Com a cultura do trabalho atual, onde o homem se torna cada vez mais um ser econômico, o brincar se perde no contexto de vida do adulto que precisa produzir constantemente, relegando a segundo plano os momentos de lazer e de ócio e quando este ocorre, o momento é utilizado para caracterizar, na maioria das vezes, as próprias relações de trabalho e seriedade.

A criança dentro da sociedade atual fica relegada por esse homem econômico, a menos momentos de ócio e lazer ou a momentos de brincadeiras pobres na construção da sua criatividade e personalidade. Assim, o tempo de lazer das crianças fica reduzido a acompanhar programas de televisão que utilizam a infância como meio de consumo ou a jogos eletrônicos afastando as mesmas dos convívios sociais e das brincadeiras criativas.

O adulto de hoje vive inserido no mundo capitalista de tal forma que se perde e não tem tempo de brincar com a criança. Este modelo de vida leva a uma diminuição da interação entre o adulto e a criança por meio de brincadeiras empobrecendo a capacidade de socialização da criança, pois ela necessita do adulto para criar o ambiente necessário para o seu desenvolvimento, uma vez que utiliza a brincadeira como forma de comunicação e expressão. Ou seja, a troca entre criança e adulto é rica a partir do universo infantil, do imaginário da criança no contato com o adulto o que fará o mesmo aprender e compreender melhor a própria criança e também a si mesmo.

Gouvêa diz que:

Tal atividade de brincar dá-se no diálogo com o mundo adulto. A criança não apenas transgride através de sua ação lúdica o real, mas tenta compreendê-lo e significá-lo, brincando de ser adulto, ou seja, imitando-o. Assim é que o brincar se reveste da maior seriedade e importância para o desenvolvimento da criança. (GOUVÊA, 2002, p. 21).

¹ Homem aqui quer dizer no sentido de humanidade não de gênero.

O resgate do brincar na infância envolve, portanto o entendimento de que a agenda de atividades deve ser reduzida para abrir espaço para que a criança possa voltar a participar e produzir brincadeiras que envolvam sua imaginação e criatividade bem como se relacionar com as demais crianças nesta construção, utilizando as linguagens que vem desenvolvendo ao longo da vida. O caráter lúdico medeia a ação da criança no mundo+(GOUVÊA, 2002, p. 21).

A imitação é uma brincadeira que apropria da linguagem simbólica dos gestos que faz com que a criança imite o universo adulto e tente compreendê-lo a sua maneira. Apropriando-me das ideias de Gouvêa (2002), a criança não imita tudo do universo adulto, ou seja, ela escolhe imitar apenas aquilo que deseja compreender e apropriar. Essa apropriação faz com que a criança desenvolva a imaginação que também passa a ser fonte de compreensão do mundo.

Ela brinca com o real, sabendo que as fantasias são diferentes da realidade, reconhecendo que são dimensões diferenciadas. Mas no ato de imaginar em sua produção simbólica (usando desenhos, modelagem, jogos de faz-de-conta, no brinquedo, etc) ela compreende e ultrapassa esta realidade, reconstruindo-a na imaginação. (GOUVÊA, 2002, p. 23).

Outra forma que a criança tem de aprender e organizar seu mundo é através da repetição das brincadeiras que lhe deram prazer. Essa repetição faz com que a criança se aproprie do novo, compreendendo e experimentando o mundo a sua volta.

Continuando as ideias de aprendizagem e organização do mundo da criança, Gouvêa diz que a criança necessita do grupo para situar-se no mundo, estabelecendo uma relação diferenciada com os adultos com códigos próprios+(GOUVÊA, 2002, p. 25), ou seja, a criança recebe do seu meio de convivência diversos aprendizados que são importantes para o seu desenvolvimento e a compreensão do mundo, mas a forma como esses serão interpretados e passados pelas crianças são formas únicas e que cada criança tem chamados pela autora de códigos próprios+.

Apesar dos processos de imitação e repetição, a criança a partir dos seus códigos próprios+ apresenta sobre estas situações uma interpretação e conhecimento próprios que diferem do significado do adulto. Ou seja, a criança não é mera repetidora, mas sim também um ser que produz experiências e

conhecimentos próprios.

A escola nesse momento tem papel fundamental no resgate do brincar. É nesse ambiente que as crianças vão ter a oportunidade de se relacionarem com outras crianças, desenvolvendo sua imaginação juntamente com a intervenção moderada do adulto. Este não deve tolhir as crianças de suas brincadeiras, deve ser apenas o mediador construtivo. Também como papel da escola é ser ambiente em que haja produção e troca de culturas, pois é nesse contexto que a criança consegue ser ela mesma, ser valorizada, vivenciando e aprendendo com o diferente. Escolas, pré-escolas e creches são espaços de circulação das culturas, no plural: das tradições culturais, costumes e valores dos diferentes grupos, suas trajetórias, experiências, seu saber [...] (KRAMER, 2000, p. 8).

Mas o papel da escola só terá algum sentido na vida da criança caso o adulto passe a olhar as crianças de forma única, como seres que produzem cultura e que o diálogo com elas deve permanecer sempre. O que está acontecendo é que o adulto se blindou da criança e com isso fez com que ela ficasse sob os cuidados do mundo, abertas a barbárie nua e crua.

Para que essa realidade mude dou uma resposta apoiando-me em Kramer, que diz:

Como educar crianças e jovens neste contexto? Trabalhando numa perspectiva de humanização, de resgate da experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, nos apropriando das diversas formas de produção da cultura. Precisamos gerar experiências de educação e socialização, com práticas solidárias entre crianças, jovens e adultos, com ações coletivas, eles capazes de gerar o sentido de pertencer a. (KRAMER, 2000, p. 7).

No próximo capítulo, veremos como a infância dialoga com o cinema e este com a educação, de forma a ser um objeto.

3 CINEMA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo iremos abordar um breve histórico do cinema, contando como a imagem passou a ter importância na compreensão da realidade do espectador. Também teremos a relação entre cinema e educação no qual discutiremos o papel do cinema como um instrumento de compreensão da infância.

3.1. Breve histórico do cinema

O cinema nasce a partir da segunda metade do século XIX alçado pelas descobertas da fotografia na primeira metade deste mesmo século. Os irmãos Lumière, precursores deste movimento, na França, utilizam das descobertas tecnológicas que se criaram desde o experimento da câmera escura. A primeira projeção considerada filme foi Black Maria em 1890 e em 1895 com o aperfeiçoamento do cinematógrafo, os irmãos Lumière dão início ao cinema propriamente dito.

A partir deste momento, vários outros profissionais do cinema, como Thomas Edison e Edwin S. Porter, surgem apresentando seus estudos e inovações e fazendo seus filmes e documentários.

Os cineastas desta época se apropriam dos estilos e técnicas de outras artes para produzirem seus filmes. Assim incorporam estilos literários, técnicas teatrais, truques ópticos, maquetes e objetos. Com o tempo foram adaptando e criando técnicas próprias e mais adequadas à nova arte.

O estudo das imagens, planos, fundos, cortes, dimensões, tomadas passa a ser um norte para o desenvolvimento da comunicação por meio do filme que é, no início, um grande emaranhado fragmentado de pequenas cenas e diálogos repetidos e dispostos esperando uma organização que lhes dê sentido e lógica para se juntarem e comunicarem o que se espera deles.

Neste sentido, o filme, é um grande quebra cabeça de imagens e diálogos com cortes perfeitos que se encaixam unicamente numa trilha que desemboca no material finalizado. Esta ordenação pode ocorrer de várias formas diferentes, porém o filme será outro, com outros sentidos e emoções. Assim, todo este volume desconectado de coisas pode gerar vários filmes no sentido de que cada escolha de

montagem pode gerar uma linguagem e comunicação diferente.

Segundo Teixeira, Larrosa e Lopes,

[...] podemos dizer, para começar, que o cinema é feito de imagens em movimento nas quais às vezes se incrustam palavras e sons. E com estas imagens móveis, às quais se incorporam palavras e sons, o cinema, à vezes, somente às vezes, conta uma história. Digamos que o cinema é arte do visível, a que foi dada a capacidade do relato, graças ao movimento. (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 12).

Na sociedade contemporânea a vida é permeada por imagens que constroem e desconstroem o cotidiano, mas mais que isto reflete o conhecimento da memória daquilo que se pode lembrar consciente ou inconscientemente. Assim só é possível o que conhecemos como parte do que já vimos, vivemos ou sentimos traduzidos em registros mentais.

Gouvêa discorre neste sentido apontando que, para Platão só conhecemos aquilo que já vimos anteriormente e que Manguel dialogando com Aristóteles percebe que este afirma que todo processo de pensamento requer imagens (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014).

Gouvêa citando Manguel diz que:

Estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas são parte daquilo que somos: imagens que criamos e emolduramos, imagens que compomos fisicamente à mão e imagens que se formam espontaneamente na imaginação; imagens de rostos, árvores, prédios, nuvens, paisagens e imagens daquelas imagens . pintadas, esculpidas, encenadas, fotografadas, impressas, filmadas. (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 77-78).

No quebra cabeça de imagens apropriadas e trabalhadas pelo cinema há o encontro das experiências conscientes e inconscientes da infância do autor com as do espectador transcendendo o tempo e espaço e confrontando culturas por meio dos diversos signos, objetos e linguagens de cada tempo.

A interlocução da criança com o adulto e vice versa se dá por meio das imagens projetadas e partilhadas da infância do autor através de sua narrativa que é apropriada pela criança para entender e participar o seu próprio mundo. Isto é feito pelo olhar que cada um tem e aprende por vivência própria sendo educado pelos modelos formais e pelas experiências de vida.

¶.Ninguém disse que o cinema é somente um artefato para se contar

histórias. Quiçá, pudesse-se dizer que, no cinema, do que se trata é do olhar, da educação do olhar+(TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 12).

Assim, a relação criança adulto por meio do cinema apresentada através de imagens é um caminho de mão dupla de troca de experiências e aprendizados com o olhar peculiar de cada um.

3.2.cinema e educação- o cinema como possibilidade de compreensão da infância

O presente tópico irá mostrar como o cinema será uma linguagem para o uso de compreensão da infância e como irá sensibilizar o adulto de forma a fazê-lo compreender a mesma. Neste aspecto, a educação se dá em mão dupla onde o adulto aprende com a criança e a partir deste aprendizado cria histórias por meio de imagens refletidas em um filme para educar a própria criança ou seja, apresenta através do lúdico que permeia o imaginário infantil aquilo que ele tem como objetivo comunicar. Vemos cada vez mais os adultos no universo infantil do cinema, pois procuram um humor puro, infantil e inteligente+ o que nos prova que os adultos conseguem através do universo infantil serem sensibilizados.

A primeira produção cinematográfica infantil foi em 1922, criada por Walt Disney intitulada %Chapeuzinho Vermelho+. Antes disso, os produtores não acreditavam que o cinema infantil pudesse ser uma fonte rentável de lucro até perceberem que as crianças não iam ao cinema sozinhas e nem mesmo assistiam aos filmes apenas uma vez, pois o cinema as atraía muito.

Isso demonstra que a primeira educação que o cinema dá tanto para o adulto e para a criança é a cultura do consumo. Após a exibição dos filmes ditos %comerciais+ a criança tem a sua disposição objetos para seu consumo os quais adultos também ficam imersos por serem persuadidos pelas crianças. Os produtores utilizam do conhecimento da infância para produzir uma educação para o consumo.

Por outro lado, temos outros filmes que têm como direcionamento uma melhor compreensão da infância, retirando o foco do consumo, ou seja, utilizam o conhecimento prévio que possuem sobre a infância para recriar o universo da criança procurando descrever o cotidiano infantil. Temos como exemplo %O menino Maluquinho+, foco de estudo desse trabalho.

Assim, o cinema se torna formador no contexto social uma vez que ele ensina e educa o olhar tanto do adulto quanto da criança para as interpretações do que se valoriza ou não na sociedade contemporânea. Em dado momento pode-se dizer que ele vive um círculo vicioso, onde reforça e reflete o modo moderno de vida em sociedade, mas também é alimentado por esta mesma sociedade que lhe aponta seus valores na expectativa consciente ou inconsciente de afirmação.

¶ como se o cinema não somente olhasse às crianças, mas tratasse de aproximar-se de uma mirada infantil, tentasse reproduzir ou inventar um olhar de criança+(TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 15).

No mesmo caminho temos pensadores que se rebelam contra a caracterização do homem como ser econômico e procuram devolver à criança seu papel lúdico e de brincadeiras desinteressadas dos processos de status sociais adultos e da afirmação do ser através do ter. Procuram apresentar ou devolver o sujeito, criança e porque não também o adulto, à reconstrução do entendimento do que são realmente e da valorização do ser em detrimento do ter.

Aprendemos com o cinema que apresenta uma história, a qual pode ser mudada, segundo o olhar infantil, para que haja outro futuro, diferente do anunciado de modo fatalista. Refazer o caminho abre a possibilidade de se estabelecer uma outra relação com o passado. Nesse processo, e graças à infância, adultos que não sabiam rir nem chorar, se humanizam. (KRAMER, 2000, p. 5).

Concluindo, podemos perceber que o cinema pode educar crianças e adultos tanto para que cresçam e mudem suas visões sobre a infância, valorizando-a além do consumo, valorizando a troca de experiências entre gerações, se humanizando, retirando a barbárie da vida de ambos ou pode educar apenas para que saiam mudos das salas de cinema e absortos pelo consumo desenfreado.

4 CINEMA E INFÂNCIA

Após a modernidade, a criança passou a ter uma importância significativa na sociedade, sendo vista como um sujeito que participa e produz conhecimento. Essa importância foi sendo levada para vários setores da sociedade chegando até o cinema.

Kramer no prefácio do livro *A infância vai ao cinema+*, nos diz que a partir do momento em que a *infância vai ao cinema+*, o campo de estudos da infância se amplia e adensa, seja porque essa maneira diversa de falar das crianças pode ser escutada à medida que se revela sua fala, seja porque seu olhar educa o nosso, invertendo uma direção que há séculos marca a interação entre gerações.

O que Kramer nos diz é que esse protagonismo que a criança passa a tomar no cinema tem muito o que nos dizer, ela ganha voz nos mostrando como é rica a troca de experiências entre as gerações (relação adulto/criança), dando aos nossos olhos uma educação refinada, que aprofunda e consegue compreender a infância.

Kramer nos diz que:

Aprendi que no cinema encontramos ora um outro modo de conhecer as crianças, ora a expressão do mundo da maneira como as crianças o veem, escutam e experimentam, ora um olhar infantil que pode ajudar a compreender o mundo e a subvertê-lo. (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 7).

Seguindo essa ideia de Kramer, no próximo capítulo iremos através do filme *O menino maluquinho+*, baseado na obra de Ziraldo, ver como o cinema nos traz esse olhar infantil para a realidade, tentando compreendê-la e inquietar nossos olhares diante das crianças.

Além do *Menino Maluquinho+*, temos outros filmes que colocam as crianças como protagonistas: *O tambor+* do diretor alemão Volker Schlöndorff, *O balão branco+*, do diretor iraniano Jafar Panahi, *Ladrões de sabonete+*, do italiano Maurizio Nichetti entre outros.

Em *O tambor+*, Volker conta a história de uma criança de seis anos de idade que cai e para de crescer e começa a utilizar gritos estridentes que quebram tudo de vidro quando o utiliza para contestar algo. Essa criança ganha um tambor de presente que o utiliza em um desfile da banda militar em uma manifestação nazista e que causa espanto, mas depois causa o riso, levando a alegria. Essa criança

consegue, com um simples ato, tirar a casca do adulto, %ecria a história da barbárie+, desestabiliza o adulto e ganha voz.

Já em %O balão branco+, uma menina de sete anos insiste que a mãe compre um peixinho dourado novo para a celebração do ano novo. A mãe a princípio nega a compra, mas quando o irmão pede também, a mãe acaba cedendo ao pedido e dá o dinheiro para a compra. Mas ao longo do caminho, as crianças deixam o dinheiro cair no bueiro. A trama do filme a partir daí envolve o telespectador que não sabe como a criança vai resolver o problema.

O diretor mostra a sensibilidade da criança sendo criança e ao mesmo tempo madura como o adulto, para resolver o problema da perda do dinheiro da compra do peixinho. Ela vive a infância com o desejo de ter o peixe, %amadurece+para resolver o problema e depois vive essa infância novamente quando conquista o peixe.

Em %O ladrão de sabonetes+, o tema do filme é o próprio cinema, mas também a televisão e o consumo. Durante a exibição do filme, ele é cortado por comerciais que acabam confundindo os telespectadores deixando-os sem saber quando é filme e quando é comercial: %a gente nunca sabe quando é filme e quando é comercial+ (PEREIRA *et al.*, 2005, p. 110).

Esses exemplos de filmes nos mostram como o cinema pode exibir as diferentes infâncias, baseando o filme nas próprias experiências sociais de seus criadores, na realidade de cada um. Além disso, esses e outros filmes nos mostram as crianças como atores sociais, que constituem a própria dimensão humana, a própria vida. Kramer diz que %o cinema olha a infância e ao mostrar-se conta a história de cada um e a de todos nós+(TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2014, p. 8).

O cinema, que seria fonte de lazer, está com sua finalidade deturpada passando a ser um meio de formar uma sociedade consumidora, principalmente as crianças. Junto com os filmes, vemos a quantidade de produtos que colocam à disposição para o consumo dos pequenos telespectadores: mochilas, copos, roupas dentre outros. A criança se torna o alvo preferido das grandes indústrias. Esse bombardeio de novidades consumistas fazem as crianças perderem sua subjetividade, fazendo-as imitar, vestir e se comportarem como seus personagens favoritos.

As personagens do Senhor dos anéis, Harry Potter e as suas aventuras, os soldados dos jogos da Mattel ou dos Game-Boys, Barbie, Pokemon e os

animais personificados da Eurodisney, do Disneyworld e da Warner Brothers, associam-se a tantas outras personagens fictícias (e algumas reais, transformadas em ícones comerciais, como Beckham, Ronaldinho ou Figo) que contribuem para a configuração do universo de conhecimento e de interações cotidianas de crianças (mas não apenas crianças) de todo o mundo. (SARMENTO *apud* LOPES, 2008, p. 29).

Podemos entender *de todo mundo+* como também o universo adulto que como Pereira nos fala busca um ideal de *ego*, ou seja, adultos e crianças através da cultura do consumo fomentada pelo cinema buscam uma nova forma de se reconhecerem, uma nova identidade, um novo eu baseado em seus ídolos (PEREIRA *et al.*, 2005).

O cinema e a criança também podem ser meios para a crítica da cultura do consumo. Adultos e crianças são diferentes, mas que juntos podem traçar um olhar crítico sobre o *o mal estar de nossa cultura+*(KRAMER, 2000, p. 6). Isso quer dizer que a nossa cultura contemporânea vive o mal estar do excesso de consumo, da falta de personalidade das crianças que querem cada vez mais consumir e se esquecem de outros fatos importantes como a socialização, a troca com seus pares e os adultos. *O cinema pode e deve se constituir no lugar da construção de um novo olhar e de uma nova linguagem, olhar que confere um outro valor e rumo às coisas+*(PEREIRA *et al.*, 2005, p. 115).

No próximo capítulo, iremos através da análise do filme *O menino Maluquinho+* entender como o cinema é capaz de lidar com o elo entre educação e infância.

5 O MENINO MALUQUINHO: 20 ANOS DE HISTÓRIA E LIÇÕES

5.1 O Menino Maluquinho: o livro

Em 1980, o escritor mineiro Ziraldo dá vida em traços ligeiros ao *Menino Maluquinho*. A idéia de escrever o livro surgiu de uma pergunta feita por uma jornalista em uma de suas palestras na qual comentou sobre a relação de pais e filhos. A jornalista perguntou por que não escrever um livro sobre esse assunto e Ziraldo ficou com a idéia martelando até realizá-lo.

Fiquei com essa ideia de um menino que, por ser feliz, compreendido e amado, criado com carinhos na infância, sem ser sacaneado e chateado pelos pais, tinha grande chance de virar um cara legal. Essa era a proposta que defendia para a criação das crianças e era a ideia que queria para o livro (BRANT, 2014).

Sua obra foi publicada no mesmo ano e conseguiu vender até dezembro de 2005 mais de dois milhões e meio de exemplares, contrariando a norma das publicações para crianças. Com um humor leve, Ziraldo caracteriza o menino na linguagem da escrita e do desenho, onde na escrita utiliza a metáfora e no desenho consegue traduzir no sentido literal as características da personagem.

Em 1981, Ziraldo conquista o prêmio mais importante da literatura infantil do Brasil, Prêmio Jabuti, com a justificativa que o livro *arremetia* crianças e adultos ao mundo lúdico da infância.

Ora, se a obra de Ziraldo consegue arremeter adultos até o mundo lúdico da infância porque estes não conseguem trazer essa conexão para a realidade e transformar a relação com a criança?

- O Menino Maluquinho: o filme

Após alguns anos do lançamento do livro, mais precisamente no ano de 1995, Helvecio Ratton, cineasta e produtor mineiro retira o menino maluquinho da linguagem escrita e dá vida a ele no cinema.

Nascido em Divinópolis, mas tendo sua infância em Belo Horizonte na década de 1960, Helvécio, junto com Ziraldo, recriam suas infâncias na filmagem do enredo da obra. Brincadeiras de rua, figurino, cenografia, diálogos, nos transportam a uma

época em que ser criança na capital era tranquilo, divertido, sem perigo ou maldades.

Mas se o filme nos mostra outro tempo, porque ainda crianças ao assistirem o filme se identificam tanto? Talvez essa identificação seja em relação ao menino maluquinho que representa as crianças como um todo com suas peraltices, brincadeiras, tristezas, alegrias, dores que é comum a todas as crianças independente da época e do contexto social em que estão inseridas. Uma das razões que Ziraldo não deu nome ao *Menino Maluquinho* foi que se batizasse o menino ele não teria um reconhecimento tão universal diante das crianças, sendo que apenas aquela criança com o nome da personagem se identificaria com a história.

E os adultos, por que se identificam? A resposta está no fato de que aquele menino maluquinho, que além de representar as crianças conversa com o adulto, indaga-o perguntando *“Onde eu fui? O que você fez de mim?”* (TARJA, 2014). Ou seja, aquele menino do filme balança o adulto que cresceu e afastou a infância de si, que entendia a infância apenas como o tempo cronológico e se esqueceu do que ela é capaz de fazer na sua vida adulta.

É nessa perspectiva que irei fazer a análise do filme de Helvecio Ratton, trazendo as reflexões entre cinema, infância e educação.

5.2 As interrelações criança/criança e criança/adulto no filme

Início a análise do filme destacando alguns pontos que são interessantes e que me chamaram atenção e são comuns na infância: o vocabulário simples, as relações entre adulto e criança, as brincadeiras, o despertar da sexualidade, as relações entre pares, a presença da escola.

No filme, Ratton mostra a rotina de uma criança urbana que vai à escola, tem suas responsabilidades e também tem seu tempo livre que é utilizado para criar brincadeiras, interagir com os amigos, família, trocar experiências... Na escola, Maluquinho se sente à vontade para criar suas poesias, fazer *“piadas”*, interagir com a professora que recebe as intervenções da criança entre compreensiva e autoritária. Vê-se também, de forma leve e bem humorada, o despertar da sexualidade, quando Maluquinho troca versinhos com as meninas de sua classe e

diz que tem muitas namoradas, quando olha revistas pornográficas com seu amigo e admiram a vizinha.

Em casa, Maluquinho possui uma família estruturada, com pai e mãe que são atentos à rotina da criança e que constituem um diálogo com ela, diálogo estabelecido apenas na mesa do jantar, à noite, no final do dia ou quando foram chamados na escola por causa do acidente do menino. O papel da doméstica do lar, Irene, é muito importante no enredo já que é com ela que o menino passa boa parte do dia, visto que os pais trabalham o dia todo.

A família neste caso é sem dúvida o eixo de equilíbrio da criança. Mesmo nos momentos turbulentos, diga-se: separação dos pais, o garoto sofre, no entanto é capaz de perceber e compreender esse momento porque os pais souberam conduzir a separação do casal, sem que isso pudesse romper os laços afetivos que os uniam. Ao contrário, com o tempo o menino percebe o quanto a presença do pai e da mãe em sua vida em nada alterou, o pai continua até mais presente do que antes o fora.

Assim, a alegria e o encantamento do menino pela vida e pelas brincadeiras não acabam. Estimulado a brincar, sentindo-se amado, protegido, socializado e ajustado não há razões para que a criança desenvolva um comportamento arredio e introspectivo. É nessa perspectiva que o filme nos transmite a importância da saudável relação entre adultos responsáveis pela educação e orientação das crianças, para que se tenha futuramente indivíduos adultos capazes de lidar com equilíbrio com as situações de frustração, perda, dor...

- Maluquinho- sabor e saber

Maluquinho resolve internamente sua dor pela separação dos pais e externa esse momento no teatro da escola, quando declama seu poema "Teoria dos lados", para a plateia: "Todo lado tem seus lados./Eu sou meu próprio lado./e posso viver ao lado do seu lado, que era meu.+Num golpe filosófico espetacular, a criança dá uma lição de maturidade no adulto, mostrando que superou a dificuldade e vai se adaptar a ela de maneira a não perder nada daquilo que julga importante permanecer com ele, ou seja, a companhia e a presença dos pais. Vale lembrar que o menino apenas consegue chegar a esse grau de compreensão porque houve respeito para com a sua pessoa, delicadeza no trato da situação que, via de regra, é traumática e

complexa.

O filme envia à plateia a noção de que situações difíceis e muitas vezes dolorosas para as crianças podem ser superadas, quando os adultos a sua volta mantêm-se serenos para que a criança possa enfrentar com coragem e tranquilidade os desafios que as esperam. Nesse sentido, temos também outro episódio no enredo, quando Maluquinho perde seu avô no momento de maior euforia para as crianças que aguardavam ansiosamente pela partida de futebol que o avô organizara para os times da cidade e os visitantes.

O avô Passarinho (com este nome não é difícil de adivinhar as intenções do autor...) é o símbolo do adulto que não deixou de ser criança, ou por outra, não perdeu a criança que existe dentro dele. O avô de Maluquinho funciona no enredo como uma chamada para que a vida seja mais leve e menos rigorosa.

Com a chegada do neto e seus amigos da cidade, o avô que mora no interior abre o seu baú de brinquedos. Essa metáfora no filme não nos escapa, pois é abrindo o baú das brincadeiras que o avô revela às crianças as suas meninices . o pião . com a sua engenhosa articulação, ele gira rapidamente , mas à medida que vai perdendo força vai reduzindo a velocidade e vai parando. Assim é a vida... gira, gira e para. O velho que já foi novo. O avô que foi criança e que agora passa aos netos as suas experiências e o menino que será pai um dia e que levará a outras crianças essas e outras vivências... Num ciclo admirável de beleza, inocência, alegria e encantamento com a vida.

- Resgatando as brincadeiras

Resgatar as brincadeiras antigas foi uma das preocupações de Ziraldo e Helvécio Ratton. Assim, na cidade vamos reviver as brincadeiras de rua: roubar bandeiras, pique-esconde, bola, bente altas... Brincadeiras que propiciaram a vivência da liberdade na rua, a socialização, fortalecimento dos laços de amizade, os limites de cada um, a solidariedade, amizade que perduraram, obediência a regras... Crescendo nesse ambiente a criança passa a introjetar valores que a acompanharão para a vida a auxiliarão na jornada adulta.

No interior o clima não é diferente. De férias, Maluquinho interage com os garotos com a mediação adulta dos avós. Com a chegada do menino da cidade+, as

crianças do lugar %estranham+ e passam a perseguir Maluquinho e sua turma. O sotaque diferente motivou Bocão, o amigo de Maluquinho, chamar os meninos do interior de %da roça+. Assim, iniciam-se os conflitos que serão sanados com a intervenção do avô Passarinho que propõe uma partida de futebol. Esse expediente faz com que haja entre as crianças um momento de disputa, mas de interação saudável. O futebol será o brinquedo comum entre os do interior com os meninos da cidade, no entanto a linguagem, o código é o mesmo.

Com a morte do avô na véspera do jogo, a partida se realiza com a liderança da avó, que fará o papel de juíza da partida. Esse lance do enredo deixa muito nítida a ideia de que é preciso dar uma resposta à criança de que a vida segue e que a morte , a perda faz parte do seu ciclo natural . é o pião que cessou o giro . Pai e mãe de Maluquinho e Irene, a empregada, também fazem parte da torcida que ladeiam o campo e torcem pelos times. A saudade do avô e a dor de sua perda estão presentes, mas não comprometem a alegria das crianças e dos adultos, pois sabiam que era da vontade do avô Passarinho.

- A contramão da infância

Há uma preocupação muito grande hoje por parte da sociedade, em visualizar a criança como um ser que se tornará um adulto responsável e ético. No entanto, verifica-se que a caminhada para esse fim não privilegia o espaço da infância, mas sim a criança como o agente/objeto a ser formado adulto. Atropela-se o conceito de infância, antecipando o adulto que virá a ser, com as agendas recheadas de atividades %necessárias+ para se conseguir o %adulto desejável+, que cumprirá por sua vez, uma outra jornada de tarefas tão intensa que o levará também a repetir o modelo com seus filhos/filhas, criando-se um ciclo na contramão do que se acredita ser uma infância plana e um espaço do exercício infantil. Esse equívoco conceitual tem feito dos adultos pessoas menos lúdicas, mais frustradas e não raro, saudosas daquilo que vão vivenciaram.

É indispensável que se respeite o tempo da maturação de cada um e em cada ciclo de sua vida. Uma infância em que a criança tenha seu espaço para brincar, representar, imitar, interagir-se com o adulto proporcionará seguramente a ela uma melhor condição de se situar como indivíduo no meio social onde quer que

irá atuar.

- E a hora de brincar?

O ritmo de vida adotado pelas famílias modernas traz um afastamento do adulto do convívio com as crianças, que muitas vezes passam boa parte de seu tempo cumprindo uma agenda de atividades diárias além das escolares. Infelizmente, as cidades hoje não proporcionam segurança para que as crianças possam brincar na rua. Assim, ficam confinadas em apartamentos com as empregadas ou em suas atividades agendadas, sobrando muito pouco tempo para que os adultos interajam mais com as crianças/filhos. Ambos perdem muito com isso.

As crianças perdem por não poderem dividir com os pais suas angústias, seus medos, suas dúvidas e também seus sucessos e fracassos para que possam ser estimuladas, orientadas e motivadas a continuar. Os adultos perdem à medida que contabilizam apenas o material, deixando de lado a preciosa convivência e aprendizados que a infância tem para nos oferecer que é, inclusive, nos lembrar que temos ainda uma criança dentro de nós.

Nesse sentido, o filme de Ratton nos predispõe à reflexão sobre tais perdas que hoje enfrentamos e que nos têm apresentado desdobramentos nefastos na formação dos adultos. A %adultização+das crianças e a %infantilização+dos adultos é uma das catástrofes sociais que nos saltam aos olhos nos dias de hoje. Crianças em idade de brincar, de sonhar aventuras e experimentar o gosto da infância na suave companhia dos familiares estão se vestindo como adultos, comportando-se como adultos, falando como adultos e o que é pior, patrocinados e apoiados pelos adultos que as cercam. A mídia também tem sua parcela de culpa nesse processo, sem dúvida, mas é o adulto que permite ou não a infestação nociva da mídia na vida de suas crianças.

É interessante observar que Ziraldo compõe sua obra através da poesia e imagens, fórmula muito apropriada para a apreensão do texto pela criança. A poesia é a expressão da emoção e do sentimento mais íntimo. Assim, a narrativa torna-se ainda mais sedutora para as crianças e adultos, pois a linguagem através da qual emite a sua mensagem é de interesse de ambos.

5.3 De uma infância inventada às invenções de uma infância feliz

O desenho do menino Maluquinho na capa do livro de Ziraldo é uma caricatura de Napoleão Bonaparte que segundo o próprio autor “[...] como ele era maluquinho. Na caricatura, o maluco é o Napoleão Bonaparte, então fiz um Napoleãozinho com a panelinha na cabeça e a mão dentro do peito” (BRANT, 2014).

O uso do diminutivo Maluquinho, que para o autor “foi uma vez um menino maluquinho. Ah, Menino Maluquinho é bom porque é pequeno, tem uma coisa de ternura, já que o sufixo -inho, tem essa coisa carinhosa.” (BRANT, 2014).

Esses e outros detalhes do menino nos fazem refletir se o menino era realmente maluquinho no sentido de maluco, desequilibrado ou transgressor das regras impostas pelos adultos ou se era maluquinho no sentido doce, terno, infantil, que faz suas peraltices como toda criança e que espera do adulto não uma punição severa, mas que este a compreenda e perceba que são apenas crianças que necessitam de sua ajuda para serem educadas e amadas.

Fica muito claro nas intenções de Ziraldo e Rattton que a infância livre e feliz nada tem a ver com consumo e imposições midiáticas. O que se pretendeu é dar ao público uma lição de gratuidade da felicidade e da liberdade. As crianças (e os adultos também) não precisam ser monitoradas pelos apelos publicitários e das marcas de brinquedos e produtos, para que possam viver de forma autenticamente felizes e livres. Como ressalta Helvécio Rattton em sua entrevista “os quintais desapareceram, as ruas se tornaram espaços perigosos para que as crianças possam exercer sua liberdade de brincar e expandir sua criatividade. No entanto, temos espaços públicos como parques e praças que oferecem condições para que as crianças brinquem e socializem com os adultos e com outras crianças.

Deixar a infância relegada à própria sorte é retroceder no tempo e ignorar o potencial que elas possuem de não apenas recriarem as brincadeiras antigas, como também criar a sua própria maneira de se expressarem no contexto social em que se inserem hoje. Aproveitar o tempo dedicado a elas para desenvolver-lhes as potencialidades e a capacidade de expressar a sua própria linguagem é, sem dúvida, capacitá-las a interagir de forma harmoniosa no espaço e no tempo em que vivem.

E aí, o tempo passou. E, como todo mundo, o menino maluquinho cresceu. Cresceu e virou um cara legal! Aliás, virou o cara mais legal do mundo! Mas, um cara legal, mesmo! E foi aí que todo mundo descobriu que ele não tinha sido um menino maluquinho ele tinha sido era um menino feliz!+(ZIRALDO, 1998, p. 100-107).

A partir dessa reflexão proposta pelo narrador de %O menino Maluquinho+ e muito bem apropriada pela produção do filme homônimo, o que Maluquinho não consegue segurar é o tempo, inevitável para todos nós, mas ao crescer, a criança que passa por uma infância feliz, a despeito de todos os desafios com os quais se depara no seu dia a dia, inequivocamente torna-se um adulto melhor, um cidadão, uma cidadã capaz de gerir com dignidade a sua trajetória. Assim, o que muitas vezes para os adultos é insubordinação infantil, pode ser com certeza o exercício da capacidade de se encontrar como indivíduo e estabelecer o vínculo com o mundo, sabendo-se parte dele e constituído de uma identidade própria, capaz de identificá-lo e diferenciá-lo dos demais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA COMO EXPERIÊNCIA DE BRINCADEIRA, DE CORPOREIDADE E DE FORMAÇÃO

Infelizmente a forma como as crianças tem sido tratadas na contemporaneidade é que tem dado visibilidade a elas. Forma essa que é cruel violenta e maldosa. Adultos que cometem essas barbáries não entendem que estão ferindo o próprio passado e deixando de compreender o seu futuro. O cinema vem como instrumento para tentar ajudar o adulto a compreendê-la e não tem conseguido fazer seu papel por completo pois o modelo de consumo é a principal atividade visada pela estrutura econômica atual. No entanto, pude perceber ao longo da construção desse trabalho que o filme *Menino Maluquinho*, mesmo estando inserido na cultura capitalista fugiu desse padrão, superando esse modelo com sua mensagem atemporal.

O filme tem como foco uma infância que tem uma experiência de brincadeira e corporeidade, ou seja, uma infância que tem o brincar como algo importante e natural da criança, seja sozinha ou em pares, construindo com isso o seu significado para o mundo a sua volta. Essa significação para o mundo só é possível porque a criança utiliza sua corporeidade como instrumento relacional. É com o corpo que a criança consegue externalizar suas vontades, dores, alegrias. O corpo é o principal meio de comunicação durante a infância.

A obra de Helvécio Ratton toca o adulto e a criança, pois o adulto se reconhece na projeção na tela e é tocado por aquele menino que pergunta *o que fez de mim?*, provocando a reflexão que possivelmente irá trazer à tona sua infância. A criança se reconhece no filme a partir da ingenuidade, da pureza, das brincadeiras e principalmente no código infantil que perpassa toda a construção fílmica.

O cinema aqui representado pelo filme, também nos passa uma mensagem que é cantada no filme na voz de Milton Nascimento e Fernando Brant: *o tempo do menino maluquinho é um tempo que existe só na infância, mas ele é eterno em todos nós gruda feito chiclete, feito esperança*. Esse tempo que apenas vivemos na infância nunca morre, nós apenas nos afastamos dele guardando o mesmo num canto da memória e quando deixamos que ele manifeste, ah, aí o ser humano adquire o que mais deseja: a felicidade.

A Educação Física permeia toda a infância da criança pelo constatar que a linguagem determinante na maior parte deste período é física. É por meio do corpo que a educação física se relaciona com o desenvolver da criança como ser completo, físico, mental e sentimental. A criança comunica e vivencia sua experiência e ludicidade através do corpo. Assim, a tríade cinema, criança e Educação Física se entrelaçam permitindo que o adulto, professor de Educação Física, conheça e compreenda de forma única todo o mundo lúdico infantil e como isto se traduz em movimentos e todo tipo de comunicação corporal específica da própria criança. Com este entendimento, a Educação Física pode e deve ser uma disciplina que contribui para o crescimento da criança a partir de um maior conhecimento do mundo infantil e conseqüentemente participar da formação de um futuro adulto mais realizado e conhecedor de si mesmo.

A Educação, por sua vez, no sentido *ratio* está presente na obra de Ziraldo e Ratton se considerarmos o respeito nas relações interpessoais, na consideração dispensada à pessoa da criança que se sente inserida e parte integrante do universo do adulto. Nesse sentido, constrói-se a percepção de uma Educação que se perpetua assentada na consciência do Direito e do conhecimento de si mesmo, da sua identidade e do seu espaço.

Acreditamos que com esta reflexão que fizemos neste trabalho, podemos contribuir para reduzir a cultura da barbárie, a cultura do individualismo, do consumismo, do desrespeito e, principalmente, direcionar o olhar do adulto para o ângulo onde ele possa perceber a criança como um ser que precisa ter sua pessoa, seu tempo e sua formação respeitados.

Enfim, os exemplos tantos fílmicos como literários, poderiam multiplicar-se em favor de se argumentar a situação de precariedade emocional em que adultos e crianças, todos nós, nos encontramos ao longo de toda a vida. Deste modo, entre crianças e adultos se estabelece uma relação de dependência que é recíproca e intensa, e não pode ser considerada atributo exclusivo da criança. (CASTRO, 2001, p. 25).

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Juliana Prochnow dos. **Acontecimentos nas brincadeiras de rua: encontros, movimentos, experimentações**. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **A criança o brinquedo a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. 3. ed. São Paulo: Summus, 1984.
- BRANT, Ana Paula. Criador do Menino Maluquinho, Ziraldo relembra momentos de sua trajetória. 19 Out. 2014. Disponível em: http://divirtase.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2014/10/19/noticia_arte_e_livros,160543/ziraldo-criador-do-menino-maluquinho-lembra-momentos-marcantes-de-s.shtml . Acesso em: 02 set. 2015.
- CABRAL, Gladir da Silva *et al.* **Concepções de infância e imaginação: o menino maluquinho, o livro e o filme**. 05 ago. 2015. Disponível em: <http://www.sandramezzena.com/news/concepcoes-de-infancia-e-imaginacao-o-menino-maluquinho-o-livro-e-o-filme/> . Acesso em: 02 set. 2015.
- ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO. Poiesis Pedagógica. Resenha de: CAMILLO, Eliane Juraski. **Catalão**, v. 12, n. 1, p. 258-264, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/viewFile/31220/16814> . Acesso em: 02 set. 2015.
- CAPORAZZO, Felipe. **Curiosidade: Qual foi o primeiro filme infantil a ser lançado?** 24 abr. 2012. Disponível em: <https://cinepippoca.wordpress.com/2012/04/24/curiosidade-qual-foi-o-primeiro-filme-infantil-a-ser-lancado/> . Acesso em: 02 set. 2015.
- CASTRO, Lucia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, Lucia Rabello de. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 2001. p. 19-46.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- FANTIN, Monica. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 205-223, mai./ago. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9357/5546> . Acesso em: 02 set. 2015.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema, infância e educação**. 1. Trabalho de Pós-Doutoramento - Grupo de Estudos Educação e Arte, Faculdade de Educação da Pontifícia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p. 1-16, 20--.

Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf .
Acesso em: 02 set. 2015.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Infância, sociedade e cultura. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Cap. 1, p. 13-29.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Revista Teias**, v. 1, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/41/43> .
Acesso em: 02 Set. 2015.

KRAMER, Sônia (Org.). *et al.* **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1996. (Série Práticas Pedagógicas).

LOPES, José de Sousa Miguel. O cinema da infância. **TXT: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 22-35, 2008. Disponível em: www.https:periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/download/9643/8472.
Acesso em: 02 set. 2015.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16944/12912> .
Acesso em: 02 set. 2015.

MYLENA, Luiza. **História do cinema infantil**. 2012. Disponível em: <https://storify.com/mylenaluiza/historia-do-cinema-infantil> . Acesso em: 02 set. 2015.

O MENINO MALUQUINHO. Rio de Janeiro: Grupo Novo de Cinema e TV, 1995. 91 min.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes *et al.* Ladrões de sonhos e sabonetes: sobre os modos de subjetivação da infância na cultura do consumo. In: SOUZA, Solange Jobim e (Org.). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. Cap. 2, parte 2, p. 99-115.

_____. Cultura e sociologia da infância. **Revista Educação**, São Paulo, 20---. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/> . Acesso em: 02 Set. 2015.

RODRIGUES, Luzia Maria. **A criança e o brincar**. Decanato de pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do rio de Janeiro, Mesquita, 2009. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 02 Set. 2015.

RODRIGUES, Luzia Maria. **TARJA Branca: a revolução que faltava**. São Paulo: Maria Farinha filmes, 2014. 80 min.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge; LOPES, José de Sousa

Miguel (Org.). **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ZIRALDO. **O menino maluquinho**. 64. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.